

# ARREDA

É BOI-DE-MAMÃO, VAMOS BRINCAR!?



# BARRA da LAGOA

Associação Cultural Arreda Boi



1ª edição



Edição da autora

Florianópolis

2014

ASSOCIAÇÃO CULTURAL ARREDA BOI

Barra da Lagoa • Florianópolis • Santa Catarina • Brasil

www.arredaboi.org.br

**Autoria:** Associação Cultural Arreda Boi

**Texto:** Renata Apgaua Britto

**Idealização e Supervisão:** Nado Gonçalves

**Colaboração:** Camila Gastelumendi, Eliana Apgaua, JFSilva, José Flávio Rebello de Britto, Maíra Dietrich, Manoel Francisco Gonçalves, Marta Magda Machado, Rodrigo Benza Guerra e Sonia Laiz Velloso

**Letras das Músicas:** José Manoel Agostinho (Seo Zé Benta) e Nado Gonçalves

**Cifras das Músicas:** Rodrigo Benza Guerra

**Ilustração da Capa:** JFSilva

**Diagramação:** WHOIZ Design+Identidade

**Impressão:** Open Brasil Graf

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A849a Associação Cultural Arreda Boi.

Arreda : É Boi-de-Mamão, vamos brincar!? / Associação Cultural Arreda Boi, texto Renata Apgaua Britto. — 1. ed. — Florianópolis : Ed. da Autora, 2014.

48 p. : il. + 1 CD-ROM

Acompanha CD-ROM.

ISBN 978-85-64747-07-4

1. Folclore — Santa Catarina. 2. Boi-de-Mamão — Santa Catarina. 3. Canções Folclóricas — Santa Catarina. 4. Cultura Popular — Santa Catarina. I. Britto, Renata Apgaua. II. Título.

CDU 398.1(816.4)

Bibliotecária Responsável: Dênira Remedi — CRB 14/1396

Este texto pode ser utilizado e reproduzido livremente.

Por gentileza, lembre-se de citar a fonte. Agradecida!

Este livro foi composto nas fontes **Frutiger Light Condensed**, **CT Mercurius** e **Consolas Italic** para textos e **Busorama Md BT** para títulos. A impressão foi feita sobre papel **Offset 75g/m²** e capa em papel **Couchê Opaco 300 g/m²** com acabamento em laminação fosca.

# DEDICATÓRIA

Dedicamos este livro à comunidade da Barra da Lagoa, onde o **Arreda Boi** nasceu, alimentou-se, criou raízes, cresceu e, a depender dos esforços do grupo, terá vida longa!

Em especial, aos/às mestres/as populares locais: **Seo Bebê** (Manoel Francisco Gonçalves), **Dona Cecília Luiza Vieira** (*em memória*), **Dona Ivone Cecília Gonçalves**, **Seo José Manoel Agostinho – Zé Benta** (*em memória*), **Seo Manoel Agostinho – Mané Agostinho** (*em memória*), **Paulo Trajano dos Anjos** (*em memória*) e **Dona Sueli** (Carmen Adriana dos Santos).

Ao grande professor **Neto** (*em memória*). Grande, no caso, pelas ideias e ações pautadas na valorização da educação, artes e culturas populares.

# AGRADECIMENTOS

Agradecemos às pessoas que ajudaram a construir o **Arreda Boi** ao longo destes 20 anos.

Aos/às fundadores/as, agradecemos pela iniciativa de criação do grupo e pela atuação em favor da sua consolidação. São eles/elas: Alexandre Linhares, Ednaldo Leonel, Elói Egídio Pereira, Ivan de Souza, Ivanildo de Souza, José Francisco da Silva, Luciana Olina Vidal, Nado Gonçalves e Ronei Manoel Gonçalves.

A todos/as os/as adultos/as, os/as jovens e as crianças que passaram pelo **Arreda**, atuando como oficinairos/as, músicos/as, brincantes, alunos/as, etc., pela presença e participação.

À atual Diretoria da **Associação Cultural Arreda Boi** pela disponibilidade e prontidão dos/as seus/as integrantes na resposta às demandas da entidade: André do Espírito Santo, Ednaldo Leonel dos Santos, Gilson Leonel dos Santos, Ivanildo Antônio de Souza, Ivone Cecília Gonçalves, José Francisco da Silva, Maristela Fantin, Nado Gonçalves e Renata Apgaua Britto.

Aqueles/as que integram o grupo neste momento, por possibilitarem que o **Arreda Boi** permaneça vivo e atuante.

Agradecemos também aos/às parceiros/as e apoiadores/as:

Ao Grupo de Idosos Primavera, que, desde os anos 90, tem compartilhado seus saberes com o **Arreda Boi**. Muitos/as de seus/as idosos/as já falecidos/as permanecem vivos/as, presentes por meio da memória que o **Arreda** insiste em perpetuar, alimentar.

Às professoras Márcia Pompeo Nogueira (Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina – CEART/UDESC) e Maristela Fantin (Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina – CED/UFSC), atuantes nos campos da educação, artes e culturas populares; dedicadas ao estabelecimento do diálogo entre grupos populares e universidades.

À Escola Básica Prefeito Acácio Garibaldi São Tiago e ao Conselho Comunitário da Barra da Lagoa, por oferecerem suas dependências para o **Arreda** ministrar suas oficinas e guardar seus bonecos e instrumentos.

Agradecemos, finalmente, aos/às patrocinadores/as do Projeto Ponto de Cultura pela possibilidade de realização deste livro.

## PREFÁCIO

“Minha ligação com o **Arreda Boi** veio principalmente através do Fofa – Núcleo de Formação de Facilitadores em Teatro na Comunidade, que é um grupo formado por pessoas que fazem uso do teatro no seu trabalho comunitário. Nado faz parte do Fofa desde seus primórdios e contribui para o grupo através de seus questionamentos, seus conhecimentos e de sua atuação como ator.

Esta ligação, portanto, destaca o lado teatral do Boi-de-Mamão, ao mesmo tempo em que partilha conhecimentos sobre as formas de interação com uma comunidade.

O grupo do **Arreda** como um todo participa de algumas atividades do Fofa, como a Oficina Intensiva. Trata-se de um espaço de valorização e experimentação de diferentes aspectos da linguagem teatral, dirigida para grupos teatrais comunitários. Durante um final de semana, ocupamos, durante 16 horas, o espaço do Centro de Artes da UDESC para experimentarmos a linguagem teatral através de diferentes oficinas. Já fizemos mais de 10 Oficinas Intensivas e o grupo do **Arreda** participou de quase todas, trazendo seu dinamismo, vitalidade e irreverência.

Em 2010, o Fofa organizou uma formação em Teatro do Oprimido que foi dividida em 3 fases, e durou praticamente o ano todo. Foi neste momento em que meu vínculo com o **Arreda** foi mais intenso porque atuei, em conjunto com o Nado, como

multiplicadora dos conhecimentos adquiridos junto ao Centro de Teatro do Oprimido – CTO – do Rio de Janeiro, que coordenaram nossa formação, no **Arreda**.

Foi um projeto rico, que resultou no Forum do Boi, uma peça que aliava o Boi-de-Mamão ao Teatro do Oprimido. O processo criativo sempre partia de jogos tradicionais e teatrais, que ajudaram a criar uma dinâmica produtiva e prazerosa no grupo. A investigação das relações de opressão ficou circunscrita à relação entre o Vaqueiro e o Mateus, isto é, na relação entre patrão e empregado. O processo permitiu um aprofundamento das crianças do grupo no entendimento desta relação, a entender o que é um salário e para que ele serve. A dinâmica da peça seguiu a estrutura do Boi-de-Mamão através do cantador e dos personagens, mas desafiou a participação do público na solução da relação de opressão apresentada, situando-se, desta forma, nos limites entre o teatro do oprimido e o Boi-de-Mamão. Este trabalho foi apresentado na conferência IDI-REI – International Drama Research Institute – na Irlanda, em 2012 e o artigo refletindo sobre este trabalho foi recentemente aceito para publicação na revista Applied Theatre Research, publicada pela Intellect.

Através desta interação de longo prazo, eu sou **Arreda Boi** também!”

**Márcia Pompeo Nogueira**



## PREFÁCIO (CONTINUAÇÃO)

*Sentimos muito orgulho ao ver este boizinho fazer 20 anos, em 2014. Chega a sua fase adulta com a brincadeira nos pés, como raízes que não o deixam tombar. Vai seguindo seu caminho... Muitas vezes, fingiu-se de morto para continuar vivo; outras, morreu para sempre ressuscitar. Tem claro que sua sina é alimentar a vida.*

*A brincadeira é o forte do **Arreda**. É o que sempre buscamos, nosso farol. É o que alimenta este grupo e por ele é alimentada. Um não existe sem o outro. Brincar aproxima pessoas.*

*Falar de brincadeira é falar de criança. Mas, no **Arreda Boi**, crianças, jovens, idosos, todos têm espaço para continuar brincando. Nossa brincadeira, durante todos estes anos, trouxe muitas alegrias a muitas gentes. Sem ela o mundo fica muito triste!*

*Mas não se enganem achando que a brincadeira seja feita única e exclusivamente de risos, gargalhadas. A brincadeira é feita também de combinações, de olhares, de cantorias, de música, de silêncios, de bonecos reformados e deformados pelo tempo. Ela é coisa séria! Muitas vezes, ao final de uma apresentação, falamos um para o outro: “a brincadeira não foi boa”.*

*Ao se construir brincando com e para as crianças, o **Arreda** teve que se debruçar sobre o educar brincando e encontrou respostas nas palavras do grande educador Paulo Freire, seu maior interlocutor. “Diálogo”, palavra que acompanha o **Arreda** em toda a sua existência, foi sistematizada por Freire nos seus escritos. No **Arreda**, o diálogo é a fonte do trabalho: diálogo entre cantador e brincantes; diálogo entre brincantes e brincantes; diálogo entre brincantes e público. Este universo de diálogos chamamos de “diálogos brincantes”.*

*Vida longa ao **Arreda** e à possibilidade de continuar brincando!*

**Maristela Fantin e Nado Gonçalves**



## SUMÁRIO

CONVITE À BRINCADEIRA 10

O ARREDA BOI 12

A BRINCADEIRA DO BOI-DE-MAMÃO NO ARREDA 20

A CANTORIA 22

OS PERSONAGENS, OS BONECOS 24

A DANÇA, O TEATRO E A MÚSICA 26

O ENREDO 30

AS LETRAS DAS MÚSICAS 36

“DESPEDIDA, DESPEDIDA, ÔÔÔ, NOSSO BOI JÁ VAI EMBORA...” 42



# CONVITE À BRINCADEIRA

*Ninguém planta laranja para colher abacaxi, quem planta amor, colhe amor.* Seo Zé Benta<sup>1</sup>

Este livro versa sobre a brincadeira do Boi-de-Mamão no **Arreda Boi**: sua cantoria, seus personagens, seus bonecos, sua dança, seu teatro e sua música. Para o **Arreda**, o Boi é uma grande brincadeira, uma festa, permeada por muita emoção, alegria e muitos risos. Como já dizia Seo Zé Benta, é preciso “saber levar”!

Existem muitas maneiras de brincar o Boi-de-Mamão. O **Arreda** tem a sua. Um modo particular de brincar o Boi que, sem deixar de lado elementos tradicionais da brincadeira, está, ao mesmo tempo, em constante mudança e movimento. Afinal, o grupo tem como princípio a escuta aos desejos, às vozes das pessoas, das crianças aos/as idosos/as, que participam do Boi; a abertura a novos toques no tambor, arranjos para a entrada da cantoria, personagens que são propostos, dentre outros. Ele também está atento às distintas platéias que interagem com o seu Boi-de-Mamão, procurando dialogar com elas.

Nossa intenção, neste livro, é compartilhar a brincadeira do Boi-de-Mamão do **Arreda Boi**, e convidar seus/as leitores/as a brincarem também.

Por meio dele, as pessoas poderão, ainda, conhecer um pouco da história deste grupo que fará 20 anos, em 2014; do trabalho que vem desenvolvendo na comunidade e fora dela ao longo desses anos.

Que este livro seja aberto como se abre uma caixa de brinquedos e sua leitura seja tão divertida quanto brincar o Boi!



1



2



3



4

## O ARREDA BOI

*[O Arreda significa] um monte de coisa, né? Eu gosto assim porque o Arreda... A gente tinha dantes não era o Arreda. Era o Boi-de-Mamão, né? E aí pegou o nome de Arreda. Então, toda vida a gente desde adolescente caminhava com o Boi-de-Mamão. Aí ficamos com o Arreda. A gente cada vez se apaixonou mais, né? Já era apaixonada pelo Boi-de-Mamão que era o nome. Hoje semos apaixonada pelo Arreda Boi. Ó, eu não sei te explicar [o por que dessa paixão]. Não sei te explicar muito não. Uma é que é os filhos da gente é que trabalham. A gente tem que valorizar o trabalho dos filhos da gente. Outra porque eu gosto. Outra porque o Arreda me botou num trabalho que eu adoro fazer. Aquele trabalho com as crianças de renda. Adoro! Dona Ivone*

O **Arreda Boi** é um grupo formado por pessoas de diferentes gerações, de crianças a idosos/as, que trabalha com o Boi-de-Mamão, dentre outras danças populares, desde 1994, na Barra da Lagoa, bairro de Florianópolis, localizado no leste da Ilha de Santa Catarina.

A Barra é um reduto de pescadores artesanais e de mulheres rendeiras, que mantém sua tradição pesqueira e de produção de rendas de bilro. Às atividades econômicas tradicionais, somou-se o turismo. Em razão de suas belezas naturais, sua praia, seu canal, dentre outros, a Barra recebe muitos turistas anualmente.

Quanto às expressões culturais características desta comunidade, bem como de Florianópolis e do litoral do Estado de Santa Catarina, temos, dentre outras, o "Boi-de-Mamão". Nesta brincadeira, há um enredo, construído em torno da morte e ressurreição de um boi. Seus personagens podem variar de acordo com o lugar. No **Arreda**, hoje, são eles: Mateus/a, vaqueiro/a, boi, urubu, médico/a, benzedor/benzedeira, cavalo/cavaleira, cabra, Maricota e

bernúncia. Exceto Mateus/a, vaqueiro/a, médico/a e benzedor/benzedeira, os demais personagens são bonecos manipulados por pessoas. No conjunto da brincadeira, é muito importante a cantoria puxada por um/a cantador/a, que, a partir do improviso, orienta os personagens e a relação destes com o público. Na cantoria, somam-se ao/à cantador/a o coro e os/as músicos/as que tocam instrumentos harmônicos e de percussão.

O **Arreda** é fruto de dois trabalhos realizados nesta comunidade: 1- Em 1992-1993, Nado Gonçalves, atual coordenador do **Arreda Boi**, realizou com o Grupo de Idosos Primavera da Barra da Lagoa, nas dependências do Conselho Comunitário local, um trabalho de pesquisa, vinculado à Secretaria Municipal de Saúde (Prefeitura Municipal de Florianópolis), sobre as brincadeiras da infância e da juventude desses/as idosos/as. O Boi-de-Mamão e muitas outras danças: Ratoeira, Ratoeira de Ferro, Caranguejo da Armação, Chimarrita, Constância, Cana Verde, Puxada de Rede, etc. passaram a ser brincadas nos dias de encontro do Grupo Primavera; 2- Em 1992, a professora Márcia Pompeo Nogueira do curso de Artes Cênicas (CEART/UDESC) supervisionou por um semestre um projeto de estágio na comunidade da Barra da Lagoa, do qual participaram os/as estagiários/as: Anelise, JBCosta e Maria Light. Projeto esse que tinha, dentre os seus objetivos, a construção e a manipulação dos bonecos do Boi-de-Mamão.

Com o término do projeto de estágio da UDESC em 1993, as crianças e os/as adolescentes que dele participaram migraram para o trabalho que estava sendo realizado com o Grupo Primavera. Em 1994, eles/as decidiram formar um grupo de Boi-de-Mamão que passou a se chamar **Arreda Boi**. Dona Ivone Cecília Gonçalves e seu marido, Manoel Francisco Gonçalves, Seo Bebê, cederam, por sua vez, um terreno ao filho Nado, onde foi construído um espaço para este guardar os bonecos do **Arreda Boi** e para a realização de ensaios e oficinas do grupo. Paralelamente ao trabalho com o Boi-de-Mamão, o **Arreda** constituiu um grupo de pesquisa das culturas populares da Barra da Lagoa e de outras comunidades da cidade de Florianópolis, dando continuidade às pesquisas que o Nado havia feito junto aos/as idosos/as do Grupo Primavera.

Oficializada como pessoa jurídica, em 1997, a Associação Cultural **Arreda Boi** esta-



beleceu como finalidade: “resgatar, preservar e divulgar as manifestações culturais do Município de Florianópolis”, sem perder de vista os aspectos plural e dinâmico dessas manifestações. Em outras palavras, o **Arreda** atua para reavivar danças e cantigas populares; fazer com que elas permaneçam vivas no cotidiano da comunidade da Barra da Lagoa e da cidade de Florianópolis; difundir e compartilhar estas práticas culturais/artísticas com indivíduos e coletivos de outros contextos.

*Eu gosto do Arreda Boi porque estes anos eu fui aprendendo muita coisa. Fui sabendo mais o que era essa cultura. Fiz personagens, percussão, também fiz bicharada. E se o Arreda Boi não tivesse entrado na minha vida eu ia estar sozinha, né? Em casa, daí fazendo nada. E como tem o Arreda Boi agora a gente pode conhecer muitas pessoas novas, pode trazer muita gente. A gente pode fazer uma turma, um grupo, e sermos amigos, né?* Amanda Gonçalves, 13 anos

Com o passar dos anos, as culturas populares locais foram desaparecendo desse cotidiano da comunidade. Realidade esta que o **Arreda Boi** procurou modificar com o seu trabalho. Ele buscou fortalecer as práticas culturais populares da Barra da Lagoa e criar outras opções para seus/as moradores/as e visitantes. Ao longo do ano, são oferecidas oficinas de Boi-de-Mamão, teatro, danças populares, cantoria, percussão, construção de tambores/baquetas, construção de bonecos e renda de bilro. No carnaval, o Bloco de Boi do **Arreda** sai, tradicionalmente, em cortejo pelas ruas da comunidade. Apresentações em outras festas populares locais também são constantes. Há, ainda, os Encontros de Boi-de-Mamão da Bacia da Lagoa (Barra da Lagoa, Lagoa da Conceição e Costa da Lagoa), BaciaBoiada, promovidos pelo grupo. Encontros esses com cortejos e apresentações, em que participam diferentes grupos artísticos e culturais, para além do Boi-de-Mamão.

Não se atendo apenas à Barra, o **Arreda Boi** participou com o seu Bloco de Boi em

outros carnavais da cidade, como o de Santo Antônio de Lisboa, além de apresentar ao longo do ano em diferentes eventos da cidade. Suas oficinas também não se restringem à Barra da Lagoa, sendo oferecidas a outros grupos, em outros lugares de Florianópolis. Em 2012-2013, realizou a exposição áudio-visual “Arreda nos passos do boi”, no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Nessa exposição, mostrou o passo-a-passo da construção dos bonecos da brincadeira do Boi-de-Mamão, usando como referência o conjunto do Boi-de-Mamão de autoria de Franklin Cascaes (acervo MARQUE) (Projeto “Escola de Boi-de-Mamão: prática pedagógica da brincadeira do Boi-de-Mamão”, realizado com recursos do Fundo Municipal de Cultura de Florianópolis/Fundação Franklin Cascaes/Prefeitura Municipal de Florianópolis).

O grupo também viajou por outras cidades de Santa Catarina e por outros estados. Em 2011, por exemplo, apresentou nas festas do Folclore e do Dia das Crianças, no SESC de Brusque. Em 2004, no Fome-Zero, na Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro; em 2000, no Simpósio Brasileiro de Percussão e Ação Social, na Universidade Estadual de Campinas; em 1997, no Encontro de Educação e Arte, Salvador. Ministrou as oficinas de construção de tambores, no Sítio Mairiporanga (Ribeirão do Eixo, Itabirito, Minas Gerais), em 2011 e 2012; e de danças populares, no XV Festival de Inverno de São Gonçalo do Baçõ (Itabirito, Minas Gerais), em 2013.

Desde a sua fundação, o **Arreda Boi** vincula as culturas populares, mais especificamente, o Boi-de-Mamão e as danças populares, aos trabalhos de educação e artes populares, por acreditar que o Boi, com suas dimensões: artística, criativa e lúdica, “educa”; contribui para a construção de pessoas. Importante repetir que, na realização do seu trabalho, o **Arreda** prioriza o aprender brincando.

Fruto destas escolhas tem sido a transformação de crianças e jovens, que passaram pelo grupo, em educadores/as e artistas populares. Neste contexto, não menos importante é o trabalho, também educativo e artístico, de formação de brincantes e de público apreciador do Boi-de-Mamão e das culturas populares.

*Lá [Arreda] eu aprendo muitas coisas; acho engraçados os professores; são bem legais. Prefiro a oficina de teatro. Sávio C. Vieira, 12 anos*

Marca também sua proposta educativa a percepção das múltiplas faces artísticas das culturas populares. Focando o Boi-de-Mamão, ele é um misto de teatro, dança e música. Não à toa, as diferentes oficinas (Boi-de-Mamão, teatro, danças populares, cantoria, percussão, construção de tambores/baquetas, construção de bonecos e renda de bilro) são trabalhadas de modo integrado, havendo a comunicação e a atuação conjunta dos/as oficinairos/as. Essas oficinas são pensadas a partir da relação existente entre o todo, o Boi-de-Mamão, e as partes que o compõem: teatro, dança e música. Este foi o modelo adotado, por exemplo, no Projeto “Ponto de Cultura Arreda Boi: Fortalecimento das culturas populares na comunidade da Barra da Lagoa” (2010-2013) (Patrocínio: Ministério da Cultura/Governo Federal e Fundação Catarinense de Cultura/Governo do Estado de Santa Catarina).

Sua prática educativa explora, ainda, o diálogo, as trocas e a partilha de saberes entre alunos/as, professores/as, familiares, comunidade, etc.

*Sou de origem peruana, sou psicóloga e vim para Florianópolis fazer mestrado. Aqui, encontrei o Boi-de-Mamão no grupo Arreda Boi. Para mim este espaço gera em mim muitos aprendizados e alegrias. Meu encontro com o Boi – como o chamamos carinhosamente – é uma oportunidade de conhecer e me apropriar de aspectos da cultura brasileira. Como psicóloga ressalto a possibilidade de ampliar as linguagens para compreender e me aproximar das pessoas e suas vidas, através do teatro, a música, a dança, a cantoria e a interação com o público. No que diz respeito às alegrias, estas são múltiplas e diversas: O trabalho permanente junto às crianças e a possibilidade de aprender*

*juntas; a possibilidade de superar minhas próprias limitações; o encontro com as pessoas originárias da Barra da Lagoa, que compartilham suas vidas e seu senso de humor divertido e particular toda semana; entre outros muitos aspectos. Mas o que gera mais alegria em mim é ter o Boi, com toda sua história, tradição e criação, batendo firme e forte no coração. Camila Gastelumendi*

A relação dialógica e democrática com a comunidade é alimentada desde o seu início. A história do **Arreda**, as opções feitas pelo grupo confirmam isto. Ele manteve-se aberto à comunidade, procurando trabalhar em espaços públicos, como a Escola e o Conselho Comunitário locais, e oferecer serviços gratuitos às pessoas; além de promover eventos com estas mesmas características.

O **Arreda** exercita o diálogo com todos/as, crianças a idosos/as, presentes no dia-a-dia do grupo. Avaliações, proposições, combinações são feitas nos ensaios. Todos/as são chamados/as à construção de um trabalho coletivo, feito a várias mãos e muitas vozes.

A valorização dos “antigos”, dos/as “mais velhos/as”, dos/as “mestres/as” das culturas populares locais, que compartilham seus saberes populares, é outro exemplo da busca pelo diálogo, neste caso, com outra geração. Muitas oficinas do **Arreda** foram ministradas por esses/as mestres/as, moradores/as da comunidade da Barra da Lagoa, como Dona Ivone Cecília Gonçalves, Paulo Trajano dos Anjos e Seo Zé Benta.

Seo Zé Benta, cantador e tocador de cavaco, compartilhou com o grupo a arte de cantar e tocar o Boi-de-Mamão. A técnica dos tambores quem ensinou foi Paulo Trajano dos Anjos, pescador artesanal da Barra da Lagoa. Ao olhar um instrumento africano, começou a dizer os nomes dos nós, que, em trama, promovem a afinação do instrumento. Depois da aula sobre “nós” dada por Seo Trajano, em pouco mais de dois meses, o grupo construiu um instrumento com esta técnica. Dona Ivone, filha deste mestre, tem ensinado, por sua vez, a arte de fazer renda de bilro, que aprendeu com sua mãe, outra mestra popular, Dona Cecília.

No Projeto Ponto de Cultura, Dona Ivone ministrou oficinas de renda para crianças, jovens e adultos/as, além de ter produzido rendas para compor os figurinos dos bonecos do Boi e dos/as músicos/as.

Com o Grupo de Idosos Primavera, o **Arreda Boi** mantém parceria. Por meio desse Projeto Ponto de Cultura, ofereceu oficinas de cantoria e danças populares para o Grupo em 2013, convidando-o a juntar-se ao coro do **Arreda** em suas apresentações.

O **Arreda** também está aberto às intervenções públicas, estimulando-as. As apresentações de Boi-de-Mamão contam com a participação do público, por suas manifestações espontâneas e porque cantador/a e brincantes convidam-no para participar do jogo, da brincadeira.

*Arreda Boi tá sendo bom, por causa que eu tô aprendendo bastante coisa, como teatro; um monte de cultura, como Boi-de-Mamão, a renda; e um monte de outra coisa. Tipo: eu faço Doutor, né? Então, tô perdendo muito mais a vergonha do que eu tinha antes, e tá sendo uma oportunidade pra conhecer mais gente, mais coisa sobre a cultura.* Ianô dos Anjos Hak Gonçalves, 10 anos

A inclusão de pessoas com deficiência é outra marca do **Arreda Boi**. Elas brincam nos bonecos, tocam tambor; participam de oficinas, de apresentações, da vida do grupo, de modo geral. Uma delas confeccionou alguns dos bonecos utilizados pelo grupo. Suas presenças são muito bem-vindas! Marcam a diversidade do grupo e a solidariedade gerada a partir destas múltiplas diferenças.

Para o **Arreda Boi**, a reunião de diferentes, nos distintos espaços pelos quais transita, evoca a máxima de que a diferença não necessariamente separa; ela pode e deve unir, implicar colaboração e não competição. O **Arreda** nasceu de contatos, de misturas, e deles deve sobreviver. Ele tem suas especificidades e, ao mesmo tempo, é polifônico, é plural!

*O Arreda Boi pra mim é uma brincadeira cultural que tem aqui muitos anos e que foi se espalhando. Eu sou a bernunça. A gente brinca, aprende, faz um monte de coisa. Aprende a brincar em grupo, a gente aprende a fazer renda, aprende a fazer teatro, aprende a fazer um monte de coisa. Aprende a fazer Boi-de-Mamão. Tudo isto a gente aprende. Que [as pessoas] venham fazer. Que é muito Legal! Todos os dias 6:30 às 8:30 [18:30 às 20:30]. Não perca! Adrieli Gonçalves Azambuja, 10 anos*

1





# A BRINCADEIRA DO BOI-DE-MAMÃO NO ARREDA

*Eu vou contar a história do Boi-de-Mamão. Como ele começou. Muita gente me pergunta como é que principiô o Boi-de-Mamão. O Boi-de-Mamão principiô do menino que foi à venda comprar bolacha e biscoito para a mãe tomar café, as seis horas da tarde, que hoje no Brasil se trata de seis horas de Ave-Maria. E outro menino vizinho preparou um mamão maduro bem grande, fez dois furos, amarrou um cordão no pé do mamão, e acendeu um pedacinho de vela dentro do mamão. E quando o menino ia passando com o biscoito e a bolacha, ele puxou o cordão, o menino gritou e se assustou e jogou as bolachas e os biscoitos fora, pensando que era um troço invisível. Aí ele chegou em casa gritando: um Boi-de-Mamão, um Boi-de-Mamão... A mãe com pena do menino foi à casa da vizinha perguntar o que tinha existido. ‘- Comadre, foi o meu menino que pegou um mamão bem maduro, bem vermelho por dentro, fez dois furos, acendeu uma vela, e o menino se assustou. Foi aonde jogou a bolacha e os biscoitos fora.’ Aí os dois se quiseram achar no pau. A mãe e a comadre não deixou. Dali prometeram fazê uma brincadeira pra ele com outro tipo de ‘boi’. Aí fizeram um ‘boi de pano’ que levou o nome de ‘Boi-de-Mamão’. E ele era o ‘vaqueiro’ e o outro [que pregou a peça] brincava debaixo do ‘boi’. Depois chegou outro menino querendo participar da brincadeira. É um ‘Mateus’ e um ‘vaqueiro’. Chega uma menina também querendo participar da brincadeira e ela serviu de ‘Maricota’. E aí foi chegando os*

*meninos da comunidade. Um brincou debaixo do ‘urubu’ pra que quando o boi morrer, belisca; outro brincou no ‘cavalinho’ laçando o boi e daí nasceu a brincadeira no Brasil. Seo Zé Benta*

Quando o **Arreda Boi** iniciou seus trabalhos, pesquisou o Boi-de-Mamão de diferentes comunidades de Florianópolis: Barra da Lagoa, Itacorubi e Ratones, e entrevistou antigos/as moradores/as, para descobrir as particularidades dessa brincadeira, os elementos que a compõem. Ficou conhecendo, assim, suas múltiplas dimensões: cantoria, personagens, bonecos, dança e música. A partir das narrativas destas pessoas, ficou sabendo, ainda, que o Boi-de-Mamão era dançado nas ruas e nas casas das pessoas, geralmente acompanhado de “batucada”, entre o natal e o carnaval. Outra marca sua era a de ser um Boi feito por homens adultos.

*Antigamente o Boi era só de gente adulta, não tinha criança. As crianças ficavam de lado. Naquele tempo, quase as crianças não saíam, os pais não deixavam. Enquanto a criança não tivesse 16, 18 anos, criasse bigodinho. Seo Zé Benta*

O Boi do **Arreda** tem suas especificidades em relação à cantoria, aos personagens, aos bonecos, à dança e à música, que compõem a brincadeira, além de explorar mais uma de suas dimensões: o teatro. Há, ainda, outras diferenças: Hoje, brincamos o Boi o ano todo. O **Arreda** transita entre espaços públicos e privados. Brincamos em ensaios na Escola ou no Conselho Comunitário locais, em apresentações na rua e em espaços fechados. Os cortejos são frequentes em períodos de carnaval. Neste próximo ano de 2014, ele voltará a brincar de casa em casa (Projeto “Arreda Boi de Casa em Casa”; Prêmio Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura; Fundação Catarinense de Cultura/Governo do Estado de Santa Catarina). Outra transformação: ele é um Boi formado por pessoas de diferentes gerações, de crianças a idosos/as, e gêneros.

## A CANTORIA

*O chamador é a mola mestra do Boi-de-Mamão. Pelo chamador, brinca o Vaqueiro. Pelo chamador, brinca o Mateus. Pelo chamador, todos os bichos brincam na cantoria, que fazem aquilo que o chamador diz. Ele diz aqui, os bichos fazem Lá. [...] Então o chamador é a mola principal... da cantoria. O chamador é bom, a cantoria é boa. Só não brinca bem, e não trabalha bem o Mateus e o Vaqueiro se não quiser ou não souber, porque tá feito. Um cantador bom é igual a um bom professor numa escola boa. Mas, se ele tiver cabeça boa, com um professor bom ele só vai pra frente. Então o chamador do Boi-de-Mamão é a mola mestra. É a principal ponte para o Boi-de-Mamão.*

Seo Firmino

Como Seo Firmino (cantador de Boi-de-Mamão do Itacorubi), no **Arreda**, consideramos o/a cantador/a, ou o “chamador”, como ele dizia, a “mola mestra” da brincadeira. Nesta, ele/a é o narrador/a, assumindo um papel fundamental na sua condução.

O/a cantador/a trabalha com o improviso, orientando os personagens sobre o que fazer na cena, sem perder o público de vista. Ao mesmo tempo, no **Arreda**, esse/a cantador/a parte, ou seja, tem como referência as letras de Boi-de-Mamão criadas por Seo Zé Benta e transcritas no final deste livro. Como a cantoria do Boi está pautada no improviso, estreitamente ligada ao que está acontecendo na brincadeira, no jogo estabelecido entre os personagens e na relação destes com o público, as músicas de Seo Zé não são cantadas ao pé da letra. A estrutura é mantida e as letras variam de acordo com o contexto. Não à toa, personagens e coro precisam ficar bastante atentos ao/à cantador/a: os personagens, porque suas atuações estão vinculadas ao que é cantado; o coro, porque ele, geralmente, tem que repetir e responder os versos improvisados.

*A trova é que nem uma antena parabólica. Ela é pegada no espaço. Se é com ‘a’ tem que terminar com ‘a’, se é com ‘b’ tem que terminar com ‘b’. É um no pé do outro. Acho que aquilo vem de uma tradição de família. Que tem uma tonalidade, tem um ritmo, e tem um som, uma inteligência capacitada pra chegar no meio do público e falar o que sente. Tem que ter coragem. Não pode tremer perna, nem bater vazio. Tem que chegar lá, e fazer bonito. Quando eu subi a primeira vez pra cantá, as pernas me tremia, né? O corpo sentia fraco. Porque tinha medo. Depois que acostumei, não. Peguei uma pegada de microfone muito segura. Tudo vem do costume de nossa vida. As coisas boas da nossa vida é se acostumar das coisas boas. Até o primeiro mês é costume, depois é vício. Aí, se fulano se vicia daquilo, não perde mais a tradição. Aí, quanto mais gente, mais melhor ele faz. Então, o público empurra a gente a fazer. Quando o público é bastante, ele acha que tá ali porque a pessoa é boa mesmo. É um artista dos melhor. Mas tem muitos que quer e não chega. Ele não tem aquela garra de ser porque ele se ‘entemeda’ [fica com medo]. Tá também no dia-a-dia, no estudo da gente.*

Seo Zé Benta

Vale lembrar que um dia Seo Zé Benta foi convidado para cantar em uma escola, na qual os brincantes eram crianças de três anos. As professoras, na ocasião, pediram para ele perguntar àquelas crianças, cada vez que fosse entrar um personagem: “o que é que falta agora, Vaqueiro?” O objetivo das professoras era organizar a apresentação.

*Eu nunca cantei daquele jeito. Eu sempre acabava uma cantiga, dava a pausa e depois puxava a outra. Mas eu gostei daquele jeito que as professoras fizeram, aí eu deixei. Eu agora canto sempre no Boi: ‘O que é que falta agora vaqueiro?’*

Seo Zé Benta



Posteriormente, o **Arreda** incorporou este artifício, fazendo algumas alterações. Antes de determinados bonecos entrarem em cena: cabra, bernúncia, Maricota e “bicharada”, e suas músicas começarem a ser cantadas, o/a cantador/a pergunta: “e quem vem agora, Mateus/a e vaqueiro/a?” Estes/as respondem, então, qual será o personagem que entrará em cena.

Seo Zé Benta foi cantador e tocador de cavaco no **Arreda**. Juntou-se ao grupo aos setenta e oito anos, desde o seu início, participando de ensaios e apresentações. Sua presença era ensinamento garantido. Aprendeu fazendo e ensinava por meio de conselhos e olhares. Falecido em abril de 2012, Seo Zé continua sendo uma referência para o grupo. Atualmente, o cantador do **Arreda Boi** é o Nado Gonçalves. Em nosso grupo, já tivemos uma criança cantadora, que desempenhava com maestria esta função.

## OS PERSONAGENS, OS BONECOS

*Eu fazia com cola esses bichos. Por dentro eu vou colocando esponja e por fora eu vou colando papel que é pra ficar dura, né? A Maricota eu botei dois olhos de bola de gude, mas antes tinha duas lâmpadas. Ficava bonito, né? Só que não dava tempo, queimava tudo. Estragava muito, né? Nós pegava de trinta e poucas lâmpadas. Cada uma dessas levava quatro pilhas. Mais os meus bonecos não são pesados, são é duradouro. Eu comecei com arco de bambu... Depois vou e coloco um lençol por cima. Depois, por cima desse lençol, comprava uns papel de tudo quanto é cor. Era azul, era amarelo. Então dali fazia aqueles... Tudo pintado. A cabrinha a mesma coisa. Fazia com pano branco de lençol e pintava também. A bernúncia com sacos de lona, aqueles sacos antigos de lona. A cabeça é feita de madeira. Seo Campolino*

*Boi-de-Mamão que numa simples caixa de papelão pintada com tinta guache faz a alegria de crianças nas escolas, nas ruas, que ainda se pode brincar sem ser atropelado o direito à brincadeira. Nado Gonçalves*

Seo Zé Benta ensinou o grupo sobre os personagens da brincadeira do Boi-de-Mamão. Dentre eles: Mateus/a, vaqueiro/a, boi, urubu, médico/a, benzedor/benzedeira, cavalo/cavaleira, cabra, Maricota e bernúncia, personagens presentes na brincadeira do **Arreda**, hoje. Exceto Mateus/a, vaqueiro/a, benzedor/benzedeira e médico/a, os demais personagens são bonecos manipulados por pessoas.

Seo Zé também compartilhou com o grupo o processo de construção desses bonecos, os materiais utilizados para a sua confecção: lâminas de compensado para os corpos e ossadas de bichos para as cabeças. Neste caso, como o resultado seria a fabricação de bonecos muito pesados para as crianças que brincariam com eles, foi feita uma pesquisa de materiais substitutos mais leves. Optou-se, assim, pelo uso de bambu para os corpos e papel machê para as cabeças.

O processo de construção dos bonecos envolve: modelagem em argila das cabeças, construção dos corpos em bambu, papietagem e pintura dos corpos e das cabeças. Processo esse que os/as integrantes do **Arreda** são estimulados a conhecer, haja vista a necessidade recorrente de construção de novos bonecos pelo grupo, bem como de conserto e manutenção dos existentes.

Em 2012, o **Arreda Boi** experimentou um processo diferente de confecção de bonecos, registrado na exposição “Arreda nos passos do boi”. A partir das modelagens em argila das cabeças dos bonecos (foi usado como referência o conjunto do Boi-de-Mamão de autoria de Franklin Cascaes – acervo MarquE/UFSC), foram obtidas formas em gesso, que serviram de suporte para a laminação em papel e montagem das cabeças. Quanto aos corpos, as modelagens foram feitas em arame, estruturas posteriormente laminadas em papel. Um vídeo-documentário foi produzido e exibido nessa exposição, indicando as etapas deste processo

de construção dos bonecos, ou seja, o seu passo-a-passo.

Para a confecção das indumentárias dos bonecos, o grupo utiliza rendas de bilro, chitas, redes, dentre outros materiais, que compõem o universo da cultura popular. Conforme dito anteriormente, as rendas produzidas pela Dona Ivone são utilizadas nos figurinos dos bonecos e dos/as músicos/as.

## A DANÇA, O TEATRO E A MÚSICA

*Boi-de-Mamão numa apresentação só com seus bonecos dançando não se configura Boi-de-Mamão. Boi-de-Mamão é uma brincadeira complexa de diferentes figuras, instrumentos musicais, cantoria, brincadeira dos personagens entre si e com o público.* Nado Gonçalves

As danças dos personagens, dos bonecos da brincadeira do Boi-de-Mamão do **Arreda Boi** surgiram daquela pesquisa feita nos Bois-de-Mamão de diferentes comunidades. Neste sentido, para o grupo, as danças do Boi do **Arreda** são fruto de uma colagem, um mosaico de formas diferentes de se dançar o Boi-de-Mamão.

Mateus/a, vaqueiro/a, boi, urubu, cavalo/cavaleira, cabra, Maricota e bernúncia, cada um dos personagens, bonecos da brincadeira tem a sua dança específica, o que não exclui as idiossincrasias de cada brincante e o improviso a partir do jogo estabelecido entre personagens e da interação dos personagens com o público.

O boi dança baixinho, girando e se balançando; o urubu é brincalhão, misterioso e desconfiado; a cabrinha é muito agitada e puladora; o/a cavaleiro/cavaleira é elegante e seguro/a; a bernúncia dança olhando sempre para o público, procurando sua presa (ela adora comer crianças); a Maricota, disputada por Mateus/a e vaqueiro/a, gira, deixando que seus longos braços encostem no público ora devagar ora rapidamente, simulando tapas.

*Então, o bichinho tem que dançar bem abaixadinho, mas não pode machuca ninguém. O boi foi feito pra alegrar, não pra entristecer.* Seo Zé Benta

A dimensão teatral da brincadeira, em particular, a parte da morte do boi passou a ser explorada e aprofundada, em 2011, no Projeto Ponto de Cultura, quando o **Arreda Boi** passou a oferecer oficinas de teatro na comunidade<sup>2</sup>. Desta perspectiva, a brincadeira pode ser vista como um auto-dramático, um espetáculo, construído a partir de danças, diálogos e músicas, em que atores/atrizes-brincantes dançam e atuam em diversos papéis, utilizando para alguns deles “bonecos-máscaras”. Atuações essas sempre orientadas pelo princípio do “jogo” entre personagens e pela interação destes com o público, e marcadas pelo improviso.

*No âmbito do teatro de rua, a manifestação do Boi-de-Mamão é um exemplo claro de exploração dessa linguagem. Além de apresentar um conflito (a morte do boi) e a necessidade de fazê-lo ressuscitar (resolução do conflito); tem a interação com o público, aberta ao improviso, que permite dialogar com a comunidade, podendo ser um veículo de reflexão política no contexto social inserido.* Sonia Laiz Velloso

*A separação das artes é uma invenção social inútil tanto para o desenvolvimento de uma cultura quanto das próprias artes. A divisão entre artes cultas e artes populares, por exemplo, é uma forma de dominação, controle e castração. O Boi-de-Mamão, nesse sentido, é um espaço de resistência, é um espaço artístico tradicional, no sentido mais puro da tradição: a mudança. Em suas origens, o teatro, a dança e a música eram indissociáveis. O Boi é dança, é música, é plástica e, claro,*

*é teatro tanto quanto o Hamlet. É arte no sentido mais puro e tradicional e, ao mesmo tempo, de vanguarda, no sentido mais estético e político. Rodrigo Benza Guerra*

Quanto à música, ela atravessa a brincadeira do Boi-de-Mamão, ambientando-a. Os personagens dançam no ritmo da música. Ao mesmo tempo, os arranjos são pensados para potencializar a dramatização do espetáculo, da brincadeira. Exemplificando, foram criados arranjos para momentos do jogo entre cavalinho/cavaleira e boi, que é de tensão; da atuação do urubu, que é de desconfiança; da morte do boi, que é de tristeza.

Em relação aos instrumentos utilizados em sua música, o **Arreda Boi** está aberto à introdução dos mais diversos. Hoje, por exemplo, são usados: cavaco, violão de sete cordas, tambor, caixa, chocalho, pandeiro e outros instrumentos percussivos. Já, em outros momentos, contamos com a presença de repique, sanfona, guitarra, baixo, alfaia e cajon. Seo Zé Benta dizia que um grupo de Boi-de-Mamão deve “ter uma orquestra tocando”. Em sua época, eram usados: sanfona, cavaco, violão, aricongo, pandeiro, machete e tambor.

Nosso mestre popular incomodava-se, no entanto, com o que ele considerava excesso de tambores no **Arreda**. No nosso Boi, os tambores, ou bumbos, sempre foram muito importantes, o que fez, inclusive, com que o grupo passasse a ser conhecido como um “Boi de batuque”.

*Na Ilha de Santa Catarina, é comum encontrar nas suas manifestações culturais o instrumento tambor, como na ‘batida’ do Terno de Reis, para a chamada da festa e Cantoria do Divino Espírito Santo, ou na batucada do Boi-de-Mamão. No Boi-de-Mamão do Arreda Boi, o tambor tem um destaque muito importante, pois além da dança, confecção e manipulação dos bonecos, existe um grupo de percussão que toca para o Boi-de-Mamão dançar e cantar. Nele, os tambores têm um lugar cativo. Ronei Manoel Gonçalves*

*O que veio pra minha idade e eu nunca vi é o toque do tambor, que é muito brabo. Muita gente tá vindo dizer: ‘- Seo Zé Agostinho o senhor tá cantando, mas eu não escutei o cavaquinho, não escutei a cantiga. O couro tira muito.’ Rapaz, vocês tocam direitinho, mas devagar. Mas sabe, quem tá tocando quer meter a mão pra aparecer. Aí os tambores matam tudo, passa tudo à frente, não tem sanfona, cavaquinho... O couro pode tá tocando na Lagoa, tô escutando o couro aqui na Barra, bate aqui, mas o violão, cavaquinho, não... Seo Zé Benta*

O grupo buscava contornar o desconforto de Seo Zé, defendendo e apostando nos ensaios. Acreditamos que por meio deles e do aprendizado de técnicas de toque de tambor (relativas à altura, andamento, timbre, etc.) é possível “domar” o toque do tambor “brabo”.

Quanto aos ritmos, o **Arreda Boi** mistura o toque do Boi a outros: ciranda, cacuriá, etc. Vale lembrar que muitos ensaios já começaram com samba e baião. Ritmos que não foram ensinados pelos/as educadores/as e eram aceitos. O grupo manteve-se, assim, aberto a um “Boi-de-Mamão descoberto, democratizado e inovado” (Nado Gonçalves). Exploramos, permanentemente, combinações de sons diferentes e possibilidades harmônicas que contribuam para melhorar nossa brincadeira.

Retomando o que foi dito acima, a técnica de construção dos tambores quem ensinou foi o pescador Paulo Trajano dos Anjos, avô dos irmãos Nado e Ronei Manoel Gonçalves, abrindo caminhos para que pessoas do **Arreda** pudessem construir outros instrumentos com esta técnica. Muitos tambores foram produzidos a partir de então.

A motivação inicial do grupo foi produzir tambores para que cada criança pudesse ter o seu “brinquedo” tambor. Daí surgiu, inclusive, a proposta de manter uma “tamborteca”, que se mantém até hoje: os instrumentos são emprestados para que as pessoas possam levar para casa para experimentar, praticar, estudar, brincar. O princípio da brincadeira também orienta a percussão, e a música do Boi-de-Mamão, de modo geral.

De acordo com o grupo, quem toca um tambor deve estar preparado para arrumá-lo, consertá-lo, caso necessário. E, até mesmo, fazer novos tambores. As oficinas oferecidas de construção de tambores/baquetas também cumprem esta função.

Muitas experiências foram feitas em relação à construção dos bumbos, ou seja, diferentes materiais foram utilizados. Foram construídos tambores a partir de latões de óleo e de tinta, restos de cano PVC, etc. Em relação à pele, experimentos foram feitos usando outros materiais como napa. A decoração dos tambores também dá abertura para o uso de objetos recicláveis: panos de chita, redes de pesca, rendas, cordas, jornais, dentre outros. No caso das baquetas, também trabalhamos com reciclados. Em sua decoração, são utilizadas as chitas.

## O ENREDO

*Vocês estão fazendo os bonecos para apresentar na Bahia, mas vocês deviam fazer era pra apresentar aqui pra Barra. Porque se vocês chegar na Bahia e apresentar qualquer coisa eles vão achar que aquilo é Boi-de-Mamão. Aqui na Barra, não. Seo Zé Benta*

*Quem não conhece o que é Boi-de-Mamão, primeiro se informe como é que tem que ser feito, para depois fazer, para a coisa sair certa. Seo Firmino*

Para a brincadeira do Boi-de-Mamão, o **Arreda Boi** procura fazer uma formação em círculo. Os/as músicos/as organizam-se em meia-lua com a platéia completando esse círculo. Os personagens entram em cena a partir da chamada do/a cantador/a e suas atuações se dão dentro do círculo e em suas margens, em meio ao público. Este é convidado, estimulado a participar, respondendo ao coro e atuando como personagens, especialmente, como benzedor/benzedeira, médico/a, corpo da bernúncia e “bicharada”.

O espetáculo começa com uma cantiga de rua, ensinada por Seo Zé Benta. Todos os personagens, com exceção do/a Mateus/a, do/a vaqueiro/a e do/a benzedor/benzedeira, tem sua música específica.

Em seguida, inicia a chamada do boi. Orientado/a pelo/a cantador/a, entra em cena o/a VAQUEIRO/A. Ele/a dança para o/a “dono/a da casa”, ou o/a “mestre/a da dança”, aquele/a que nos convidou para a apresentação, e para a platéia. Na sequência, busca o BOI. Entra, então, o boi, seguido do MATEUS/A. O/a Mateus/a é o/a dono/a do boi e dança atrás dele. O/a vaqueiro/a, por sua vez, cuida do boi e dança na sua frente. Em suas danças, Mateus/a e vaqueiro/a acompanham o ritmo das músicas, com os braços soltos, fazendo desenhos no ar; com as cabeças sempre erguidas. A pessoa que dança no boi deve ter o cuidado de dançar mais agachada, para não aparecerem as suas pernas e os seus pés. Este cuidado deve ser adotado por todos/as que dançam nos bonecos.

O alvo do boi é o/a vaqueiro/a. É sobre ele/a que o bicho lança suas investidas. O boi movimenta-se muito, havendo momentos em que pára, mira o/a vaqueiro/a e dança em um mesmo lugar, como se fosse dar um bote, criando, assim, um clima de suspense. Quando o/a vaqueiro/a fica acuado/a pelo boi, Mateus/a vem em seu socorro, cutucando o traseiro do boi com uma varinha de bambu. O boi não pode ver o/a Mateus/a. Ao mesmo tempo, ele movimenta-se de forma a quebrar esta regra: quer vê-lo/a e procura por ele/a, sem perder de vista o/a vaqueiro/a. Estes são alguns dos jogos estabelecidos entre estes três personagens, que também interagem com o público. O boi investe sobre este último, tomando o cuidado para não machucá-lo. De repente, o boi vai parando de dançar e “amachurra”, ou seja, deita-se. O/a cantador/a orienta o/a dono/a e o/a cuidador/a do boi a chamarem o/a médico/a.

Ao irem atrás deste/a, saem de cena e entra o URUBU. Ele entra desconfiado, com movimentos contidos, lentos, aproximando-se do boi. Orientado pela música, alterna sua atuação entre: dançar (uma dança com muitos giros), bicar o boi e interagir com a platéia. Até que voltam Mateus/a e vaqueiro/a. Estes/as, ao verem o urubu, partem para cima dele para espantá-lo. É estabelecido, então, um jogo entre os três personagens. O urubu procura se defender das investidas dos outros dois. Acuado, ele sai de cena.



Ao serem perguntados/as pelo/a cantador/a se conseguiram encontrar o/a MÉDICO/A, Mateus/a e vaqueiro/a respondem que não e voltam-se para a platéia perguntando se há algum/a médico/a presente. Se alguém diz que sim, a pessoa é convidada para vir olhar o boi e ajudar o/a médico/a do grupo. Um diálogo é estabelecido entre Mateus/a, vaqueiro/a e médico/a, que assumem uma formação triangular, de modo a facilitar a interação com a platéia. De modo atrapalhado, os dois primeiros buscam explicar ao terceiro o que aconteceu. Este avisa que é médico/a de gente, além de não trabalhar no SUS, atendendo apenas por plano de saúde, especificamente, o “BarraMed”, em alusão à Barra da Lagoa, ou por consultas particulares. Pergunta se os/as interessados/as possuem plano de saúde. Ao responderem que não, o/a médico/a cobra R\$150,00 pela consulta. Sem escolha, Mateus/a e vaqueiro/a aceitam o serviço. O/a doutor/a determina que eles/as peçam ajuda financeira à platéia, enquanto ele/a examina o boi. Até então, no momento destes diálogos, a música é interrompida, havendo intervenções pontuais por parte do/a cantador/a e do coro. Quando o/a médico/a começa a examinar o boi, e Mateus/a e vaqueiro/a a passar o chapéu para arrecadar dinheiro para pagar a consulta, a música do/a médico/a começa. Ao terminar a música, o/a médico/a aproxima-se, novamente, do Mateus/a e vaqueiro/a para pegar o dinheiro arrecadado e dar o diagnóstico. Embaraçado, ele/a diz: “o boi de vocês morreu”, e sai correndo às gargalhadas.

O diálogo entre Mateus/a e vaqueiro/a é restabelecido. O/a vaqueiro/a dá a idéia de chamarem então um/a BENZEDOR/BENZEDEIRA. Novamente, dirigem-se ao público, perguntado se há algum/a benzedor/benzedeira presente. Se alguém diz que sim, a pessoa é convidada para vir benzer o boi com o/a benzedor/benzedeira do grupo, ficando livre para utilizar sua benzedura. No grupo, temos usado a seguinte benzedura: “Eu benzo meu boi com a folha de bananeira. O meu boi é o mais bonito da Barra inteira.” Sempre pedimos para a platéia benzer junto, para dar mais força e poder para a benzedura. Já a benzedura ensinada por Seo Zé Benta é assim: “Eu vou benzer meu boi com uma folha de alfavaca. Senhor dono da casa vai me dar uma pataca. Eu vou benzer meu boi com uma folha de cafeeiro. Senhor dono da casa vai ter que me dar um dinheiro.” As benzeduras variam muito.

Assim o digam as benzedoras que já participaram de apresentações do **Arreda Boi**: Dona Maria do Torquato (Maria Florindo Vieira), Dona Santinha (Celestina dos Santos) e Dona Sueli (Carmen Adriana dos Santos). Cada uma delas utilizou uma benzedura. Na brincadeira, as benzeduras funcionam. Assim que ela termina, o/a benzedor/benzedeira determina que o boi levante-se. O boi, então, ressuscita e passa a viver com “forças sobrenaturais”. Sua dança modifica-se, ficando mais “nervosa”. O boi fica mais “bravo”, “perigoso”. O/a cantador/a, por sua vez, pede para ele não machucar ninguém.

O/a cantador/a chama, então, o/a CAVALINHO/CAVALEIRA para laçar o boi. Ele/a entra galopando, elegante, cabeça erguida, mascarado/a (uma máscara de renda de bilro feita por Dona Ivone), cumprimentando a platéia com o movimento de retirada do seu chapéu. Mateus/a e vaqueiro/a interagem com o/a cavalinho/cavaleira; ajudam-no/a, se necessário, a preparar a corda para a laçada, esticando-a. Como, muitas vezes, o papel de cavalinho/cavaleira é executado por uma criança, e/ou um/a aprendiz de laçador/a, essa ajuda torna-se muito importante. O momento do jogo entre cavalinho/cavaleira e boi, que procura fugir das investidas do primeiro, é de tensão. A platéia costuma participar, aplaudindo quando ele/ela consegue laçar e lamentando quando não consegue. Depois de laçar o boi, o/a cavalinho/cavaleira leva-o para fora da cena.

O/a cantador/a pergunta: “e quem vem agora, Mateus/a e vaqueiro/a?” Estes/as respondem: “a CABRA”. A dança da cabra é uma dança nervosa, rápida, aos pulos. Ela joga com Mateus/a e vaqueiro/a sem perdê-los/as de vista. Eles/as, por sua vez, procuram fugir das suas investidas. Ao terminar a música da cabra, o/a cantador/a já emenda a do/a CAVALINHO/CAVALEIRA que, agora, aparece para laçar a cabra. Sua atuação é semelhante àquela executada anteriormente, bem como as do/a Mateus/a e do/a vaqueiro/a. Depois de laçar a cabra, o/a cavalinho/cavaleira leva ela para fora da cena.

Ao serem perguntados/as pelo/a cantador/a sobre quem vem agora, Mateus/a e vaqueiro/a respondem: “a BERNÚNCIA”. Este é outro momento de maior interação com a platéia. Afinal, a bernúncia chega faminta; dança batendo seus longos dentes e mexendo o rabo, provocando a platéia e querendo engolir as crianças presentes. Estas, por sua vez,



demonstram um certo fascínio por este bicho grande, que parece um jacaré, um dragão, um bicho papão. Umas crianças choram, outras querem ser engolidas. Neste momento, a mediação do Mateus/a e do/a vaqueiro/a é muito importante. Eles/as conduzem as crianças para a boca da bernúncia, que se deita, ajudando-as a serem deglutidas, isto é, a atravessarem da boca para o corpo. Feita a passagem, elas passam a dançar, até mesmo a pular, no corpo do bicho, que vai se agigantando com cada criança que é engolida. Por baixo dos panos da bernúncia, as crianças fazem a festa! O/a cantador/a anuncia, por meio da música, o momento de a bernúncia retirar-se.

Assim que ela sai, o/a cantador/a repete a pergunta: “e quem vem agora, Mateus/a e vaqueiro/a?” “A mulher mais bonita do mundo, a MARICOTA”, respondem. A Maricota é uma boneca gigante, que representa uma moça bonita, que se enfeita. Ela dança balançando os cabelos e seus braços compridos. Por meio de movimentos bruscos com os braços, que parecem tapas, ela tenta atingir Mateus/a, vaqueiro/a e as pessoas da platéia, que reagem de diferentes maneiras, surpresas, rindo. Aqueles que desempenham o papel de vaqueiro no grupo costumam estabelecer um jogo de namoro com a Maricota. Algumas crianças do público entram e brincam com ela.

“E quem vem agora, Mateus/a e vaqueiro/a?” “A BICHARADA”. Com a música da bicharada e a entrada de todos os bonecos termina a brincadeira. Este é um momento em que o público é convidado a dançar nos bonecos. Mais uma vez, a mediação do Mateus/a e vaqueiro/a em relação às pessoas da platéia que querem participar é fundamental. Eles/as coordenam a entrada e saída dos bonecos, ajudando também na orientação destes, para que não batam uns nos outros, ou no público<sup>3</sup>.



## AS LETRAS DAS MÚSICAS

**Refrão**

Seu doutor fez curso a distância  
Não parece ser capaz

[Pára a música e todos/as dizem: "Curso a distância!"

O/a médico/a desconversa e reinicia a música.]

Seu doutor, o meu boi tem jeito  
Faz isso direito, vê o quê que tu faz  
[coro repete]

**Refrão**

Seu doutor, escutai cantiga  
Que notícia tu me traz?

Seu doutor, já tens o dinheiro  
Te chamei primeiro, não te chamo mais  
[coro repete]

**CAVALINHO/CAVALEIRA E BOI**

A música do/a cavaleiro/a é cantada duas vezes. A primeira quando ele/a contracenava com o boi; a segunda, com a cabra.

**G7**

Ê boi!

**C**

Alevanta boi malhado

**G7**

Ê boi! [coro]

**C**

Alevanta devagar

Ê boi!

Pegasses tua saúde

Ê boi!

E o povo quer ver brincar

Ê boi!

Fica brabo meu boi

Ê boi!

Não machuca os amigos

Ê boi!

Se nosso boi ficar bravo

Ê boi!

Para nós é perigo

Ê boi!

**C****G7****C**

Ô meu cavalinho, entra bem ligeiro

[coro repete]

**F****G7****C**

Prepara a laçada, ô maninho, para o boi craveiro  
[coro repete]

Ô meu cavalinho, a licença é tua

[coro repete]

Bota ele no laço, ô maninho, leve ele pra rua

[coro repete]

Ô meu cavalinho, já está na hora

[coro repete]

Nosso boi tá brabo, ô maninho, leva e vai embora

[coro repete]

Ô meu cavalinho, fica em prontidão

[coro repete]

Laça este boi, ô maninho, tira do salão

[coro repete]

Ô meu cavalinho, bonita laçada

[coro repete]

Pega este boi, ô maninho, parte em retirada

[coro repete]

Nosso boi foi embora, e deixá-lo ir

[coro repete]

Se nosso boi for bom, ô maninho, ele torna a vir

[coro repete]

**CABRA****C****G7****C**

Ô meu vaqueirinho, eu vou te mandar

[coro repete]

**F****G7****C**

Vai buscar a cabra, ô maninho, quero ver brincar

[coro repete]

**C****G7**

Ê cabra! Ê cabra!

**C**

O vaqueiro da cabrinha

**G7**

Ê cabra! Ê cabra! [coro]

**C**

Esta cabra é muito boa

Ê cabra! Ê cabra!

E ela é braba como fera

Ê cabra! Ê cabra!

E o feitiço dessa cabra

Ê cabra! Ê cabra!

Essa cabra corcoveia [coices da cabra]

Ê cabra! Ê cabra!

Dá um berro minha cabra

Ê cabra! Ê cabra!

Que o povo quer escutar

Ê cabra! Ê cabra!

Depois que tu dás o berro

Ê cabra! Ê cabra!

O cavalo vai laçar

Ê cabra! Ê cabra!

Esta cabra é muito linda

Ê cabra! Ê cabra!

Esta cabra é muito boa

Ê cabra! Ê cabra!

Essa cabra é preparada

Ê cabra! Ê cabra!

Aqui pra Barra da Lagoa

Ê cabra! Ê cabra!

**CAVALINHO/CAVALEIRA E CABRA****C****G7****C**

Ô meu cavalinho, prepara a laçada

[coro repete]

**F****G7****C**

Pra laçar a cabra, ô maninho, que ela está danada

[coro repete]

Ô meu cavalinho, já está na hora

[coro repete]

Laça esta cabra, ô maninho, leva e vai embora

[coro repete]

Ô meu cavalinho, fique em prontidão

[coro repete]

Pega essa cabra, ô maninho, solta no costão

[coro repete]

**BERNÚNCIA****C****G7****C**

Tava deitado na cama, quando ouvi falar em guerra,

**G7**

quando acaba era bernúncia que vinha descendo a

**C**

serra.

**Refrão**

**C** **A7** **Dm**  
Meia lua dentro, meia lua fora

**G7** **F** **G7** **C**  
Senhor dono da casa, a bernúncia vem agora  
[coro repete]

**C** **A7** **Dm**  
A bernunça já chegou no salão para dançar  
**G7** **F** **G7** **C**  
Tira a corrente do bicho para o povo apreciar

**Refrão** [coro]

Meu senhor mestre da dança, veja só como é que é  
O bicho da boca grande vai cumprimentá as muié

**Refrão** [coro]

Meu senhor mestre da dança, eu vou falar pra você  
Esse bicho vem com fome, quer um rapaz pra comer

**Refrão** [coro]

Meu senhor mestre da dança, escutai cantiga minha  
A bernúncia entrou grávida, vai ganhar uma bernun-  
cinha

**Refrão** [coro]

Meu senhor mestre da dança, escutai o que eu vou  
falar  
A bernúncia já comeu, pode ela levantar

**Refrão** [coro]

Meu senhor dono da casa, é um rapaz inteligente  
Bernúncia tá muito brava, faz favor passa a corrente

**Refrão** [coro]

Meu senhor dono da casa, a bernúncia vai embora  
Outro dia ela volta, combinamos outra hora

**Refrão** [coro]

Meia lua dentro, meia lua fora  
Senhor dono da casa, a bernúncia fofoooooi embora  
[coro repete]



## MARICOTA

## Refrão

**C** **A7** **Dm**  
 Dançaram um baile lêlê, dançaram um baile de cota  
**F** **C** **G7** **C**  
 Está chegando a hora de dançar a Maricota  
 [coro repete]

**C** **A7** **Dm**  
 Dona Maricota, faz a sua obrigação  
**F** **C** **G7** **C**  
 Dá uma meia volta no meio desse salão  
 [coro repete]

## Refrão

A dona Maricota é uma moça tão bonita  
 Com colar no pescoço e um lindo laço de fita  
 [coro repete]

## Refrão

A dona Maricota, seu nariz de pimentão  
 Deixou cair as calças bem no meio do salão  
 [coro repete]

## Refrão

A dona Maricota é mulher trabalhadeira  
 Aqui vai nossa homenagem às Maricotas rendeiras  
 [coro repete]

## Refrão

Dona Maricota, arrepare o que eu digo agora  
 O Mateus tá lhe chamando; leva ela e vai embora  
 [coro repete]

Dançaram um baile lêlê, dançaram um baile de cota  
 Está chegando a hora, vai embora a Maricota  
 [coro repete]

## BICHARADA

**C** **G7** **C**  
 Vou chamar a bicharada, que o povo quer escutar  
**G7** **C**  
 No meio deste salão, o povo vai apreciar  
**G7** **C**  
 Ê, ê, ê, a! [coro]  
 Nosso boi está cansado, já não pode vadiá  
 Ê, ê, ê, a! [coro]  
 O urubu está cansado, já não pode vadiá  
 Ê, ê, ê, a! [coro]  
 A cabrinha está cansada, já não pode vadiá  
 Ê, ê, ê, a! [coro]  
 O cavalo está cansado, já não pode vadiá  
 Ê, ê, ê, a! [coro]  
 O nosso boi vem na frente, vem em primeiro lugar  
 Bernúncia tem boca grande; povo não vai se assustá  
 Ê, ê, ê, a! [coro]  
 O doutor está cansado, já não pode vadiá  
 Ê, ê, ê, a! [coro]  
 O vaqueiro está cansado, já não pode vadiá  
 Ê, ê, ê, a! [coro]  
 O Mateus está cansado, já não pode vadiá  
 Ê, ê, ê, a! [coro]  
 Benzedor está cansado, já não pode vadiá  
 Ê, ê, ê, a! [coro]  
 Vou chamar o vaqueiro, só ele pode escutar  
 Os bichinho já brincou, leva ele para lá  
 Ê, ê, ê, a! [coro]

A bernúncia está cansada, já não pode vadiá  
 Ê, ê, ê, a! [coro]  
 Maricota está cansada, já não pode vadiá  
 Ê, ê, ê, a! [coro]  
 Ô senhor dono da casa, você queira desculpá  
 Ê, ê, ê, a! [coro]  
 Se correr direitinho, outro dia vou voltá  
 Ê, ê, ê, a! [coro]

Vou chamar a bicharada, que o povo quer ver brincar  
 Do meio deste salão, ela vai se retirar  
 Ê, ê, ê, a! [coro] x4



## “DESPEDIDA, DESPEDIDA, ÔÔÔ, NOSSO BOI JÁ VAI EMBORA...”<sup>4</sup>

*Então nós brincava toda a vida, não havia nada, nada mesmo. Nós saía sábado as seis horas da tarde e voltava cinco da manhã, sete da manhã, oito da manhã, nove, dez. Eu achava aquilo muito bonito e aquilo era uma distração pra nós. Só esperava chegar o sábado pra ir pra'quela brincadeira, entende? Eu gostava. Aquilo era uma alegria, era um prazer. Eu cantava, nós cantava, brincava a noite toda. Vinha tudo em paz. Aquilo era uma beleza. [...] Gostava daquela brincadeira que chega!!! Ainda gosto hoje. Se tivesse um Boi-de-Mamão por aí, ainda vou ver. Ah se vou! O Boi-de-Mamão do Itacorubi teve em Santo Antônio e eu não sabia, tava aqui. Depois meu neto veio aqui e me disse que teve 'Boi' e eu aqui o sábado todo. Fiquei o sábado aqui e não sabia. Eu não sabia senão tinha ido. Eu gosto de ver. Gosto que gosto. Óhhh!!! Me enrosco! De brincadeira de distração pra mim é a coisa que eu mais gosto de ver é Boi-de-Mamão. [...] Gosto até agora com a idade que eu tô com quase oitenta anos. Se tiver Boi-de-Mamão, sábado, pode ligar pra mim que eu vou. [...] O que eu gosto é daquela excitação. A minha excitação é Boi-de-Mamão. De 'Boi' eu gosto. Na semana passada, passou na televisão. Tava vendo um repórter passou o Boi-de-Mamão na festa junina. Ah, fiquei doido. Agora não tem mais aqui em Ratores. Só longe. Só fora da 'banda', na 'banda' não tem mais nada. Seo Pequeno*

Boi-de-Mamão para o **Arreda Boi** é tudo isto: cantoria, personagens, bonecos, dança, teatro e música. É também trabalho, cultura, arte e educação. É transformação e movimento. É diversidade. Muitas são as palavras que definem o Boi para nós. Brincadeira e diálogo, ou os “diálogos brincantes”, são outras palavras importantes, assim como experiência e experimentação.

Dentre as muitas vozes deste livro, enfatizamos, mais uma vez, a importância das vozes dos/as “velhos/as”, dos/as mestres/as populares. Partilhamos com vocês o que aprendemos com eles. Aproveitamos a ocasião para dar uma resposta a seu Seo Nelson Amorim, que nos disse: “vocês valem ouro, pois no meu Bairro escutar velho é coisa de louco”. Seo Nelson, quem vale ouro são vocês...

O convite à brincadeira, feito no início deste livro, permanece. Nosso desejo é que as pessoas de diferentes idades tenham um olhar cuidadoso e carinhoso em relação ao Boi-de-Mamão, a cada pedacinho seu. Experimentem o Boi, brinquem nele e divirtam-se. Para aqueles/as que queiram aventurar-se pelos caminhos do Boi, oferecemos, por meio deste livro, um caminho, um jeito de se fazer Boi-de-Mamão.

Muita vida para o Boi-de-Mamão!!!





1



2



3



4

## NOTAS

1. Ao longo do livro, apresentamos trechos de falas de mestres populares já falecidos: Seo Campolino Francisco Ramos (Mateus do Boi-de-Mamão do Itacorubi, Florianópolis), Seo Firmino Francisco Alves (cantador do Boi do Itacorubi), Luiz Manoel Machado (Seo Pequeno, cantador do Boi de Ratores, Florianópolis), Seo Nelson Amorim (cantador de Cacumbi do Rosário, em Biguaçu, Região da Grande Florianópolis), Seo Mané Agostinho e Seo Zé Benta. Esses trechos foram extraídos da dissertação de Reinaldo Manoel Gonçalves (Nado): "Cantadores de Boi-de-Mamão: Velhos cantadores e educação popular na Ilha de Santa Catarina" (CED/UFSC, 2000). As demais falas foram obtidas por meio de entrevistas, relatos e registros escritos. Dentre elas, está a de Rodrigo Benza Guerra, músico e colaborador na oficina de teatro; a de Ronei Manoel Gonçalves, oficineiro de percussão; a de Sônia Laiz Velloso, oficineira de teatro no Arreda Boi; a de participantes do grupo: Adrieli Gonçalves Azambuja, Amanda Gonçalves, Camila Gastelumendi, Ianô dos Anjos Hak Gonçalves e Sávio C. Vieira.
2. Esta iniciativa contou com a participação da Professora Márcia Pompeo Nogueira (CEART/UDESC), que ministrou oficinas de teatro, no Arreda, em 2011. Dessas oficinas resultou a peça "Teatro Fórum do Boi", apresentada na "Mostra de Teatro do Oprimido", na UDESC, e no auditório da Escola Básica Prefeito Acácio Garibaldi São Tiago – Barra da Lagoa. A primeira apresentação está disponível no Youtube. Para assisti-la basta utilizar o QRCode ao lado, ou acessar o seguinte endereço eletrônico: <http://www.youtube.com/watch?v=4qhd8KWZZvk>.
3. Para conhecer um pouco mais, ou assistir à brincadeira do Boi-de-Mamão, sugerimos o acesso aos vídeos das apresentações, que disponibilizamos no site [www.arredaboi.org.br](http://www.arredaboi.org.br). Há também o documentário "Arreda!!!" de Victor Acosta, produzido em 2012.
4. Trecho de cantiga de despedida do Cacumbi do Rosário, ensinada por Seo Nelson Amorim.



## FICHA TÉCNICA CD

### **Cantador, bumbo de boi, pandeiro, caixa, repique e cavaco:**

Nado Gonçalves

### **Sanfona:**

João Tragtenberg

### **Violão 7 cordas:**

Rodrigo Benza Guerra

### **Coro e voz da benzedeira:**

Ivone Cecília Gonçalves

### **Chocalho, coro e voz da médica:**

Sonia Laiz Velloso

### **Coro:**

Camila Gastelumendi e Renata Apgaua Britto

### **Coro da "Cantiga de Rua":**

Adair Cecília Agostinho (Daia), Adrieli Gonçalves Azambuja, Amanda Gonçalves, André Domingos Martins (Juca), Dina Guerra, Felipe Staroski dos Santos, Jeniffer Albino, Joana Gonçalves e Sávio C. Vieira

### **Arranjos e produção musical:**

Nado Gonçalves e Rodrigo Benza Guerra

### **Produção executiva:**

Nado Gonçalves e Renata Apgaua Britto

### **Gravação, mixagem e masterização:**

The Handmade Studio, Florianópolis - SC

### **Captação de áudio e edição:**

Beto Fonseca

### **Mixagem:**

Beto Fonseca e Arreda Boi

### **Masterização:**

Julio Lemos e Beto Fonseca

### **Ilustração:**

JFSilva

### **Arte:**

WHOIZ Design+Identidade

### **Impressão:** Open Brasil Graf

1



2



3



4



## CRÉDITOS DAS FOTOS

### Allan Spillmann

**P.44/Foto 3:** Cortejo na praia da Barra da Lagoa, no dia da apresentação no Museu Aberto da Tartaruga Marinha (10ª Semana de Museus), 2012.

### Diego Janata Pinheiro Pereira

**P.11/ Fotos 1 e 4:** Oficina de Percussão e Construção de Tambores, Escola Básica Prefeito Acácio Garibaldi São Tiago, Barra da Lagoa, 2010; Cortejo na Barra da Lagoa, no dia da apresentação na Praça do Pescador (2ª Mostra Traço de Bolso: O Riso Corre Solto), 2010.

**P.41/Foto 2:** Apresentação no Encontro de Gerações e Cultura – Festa do Folclore, E.D. e N.E.I. da Costa da Lagoa, 2010.

**P.44/Foto 2 e 4:** Seo Chico (Bar do Chico, Campeche) de mãos dadas com o Nado, em apresentação no Engenho dos Andrade, Santo Antônio de Lisboa, 2010; Boneco “boi” do Arreda na travessia de barco, trecho Barra – Costa da Lagoa, para apresentação no Encontro de Gerações e Cultura – Festa do Folclore, E.D. e N.E.I. da Costa da Lagoa, 2010.

### Jefferson Lopes Primo

**P. 41/Foto 4:** Apresentação na Festa das Crianças, Conselho Comunitário da Barra da Lagoa, 2013.

### JFSilva

**P.41/Foto 3:** Bloco de Boi do Arreda, carnaval, Praia Mole, 1996.

### Nado Gonçalves

**P.11/Foto 2 e 3:** Oficina de Cantoria e Danças Populares para o Grupo de Idosos Primavera, Conselho Comunitário da Barra da Lagoa, 2013; Passo-a-passo da construção da boneca “Maricota” do Boi-de-Mamão, 2012.

**P. 19/Foto 1:** Oficina de Renda de Bilro, Escola Básica Prefeito Acácio Garibaldi São Tiago, Barra da Lagoa, 2010.

**P.35/Fotos 1 a 4:** Apresentação em uma Festa de Cultura Popular, Barra da Lagoa, 1997.

**P.41/Foto 1:** Apresentação em uma Festa de Cultura Popular, Barra da Lagoa, 1997

**P.44/Foto 1:** Conversa com Seo Zé Benta em sua casa, 2012;

**P.47/Foto 4:** Gravação do CD “Arreda. É Boi-de-Mamão, vamos brincar!?”, no The Handmade Studio.

### Renata Apgaua Brito (RenatA.B.)

**P.47/Fotos 1, 2 e 3:** Gravação do CD “Arreda. É Boi-de-Mamão, vamos brincar!?”, no The Handmade Studio.

## Cantigas

### 1. Rua

*início por Seo Zé Benta*

### 2. Boi

### 3. Urubu

### 4. Doutor

### 5. Benção

### 6. Boi que ressuscita, e Cavalinho

### 7. Cabra e Cavalinho

### 8. Bernúncia

### 9. Maricota

### 10. Bicharada

*término por Seo Zé Benta*

### Bônus

### 11. Boi

*por Seo Zé Benta*

### 12. Maricota

*por Seo Zé Benta*

**T**em coisa que é da singeleza da vida e da boniteza também. Tem coisa que é, que já tá ali e que fica, que permanece e aviva a gente sem sabermos direito o porquê. Esta boniteza sacode a gente, nos aviva, porque ela é memória e brincadeira; porque é coisa de mestre, que sabe fazer a gente sempre querer ver nossa felicidade na roda com aqueles que acreditam no permanecer. O Arreda Boi é esta escola que mantém este saber. É memória, pesquisa, registro, socialização, difusão de uma brincadeira de Boi que ainda é muito desconhecida para o resto do país. São 20 anos de cuidado com a herança de um saber viver. Hoje é Ponto de Cultura. Sempre sonhei que se tornasse! O tempo dos homens lentos é a maior resistência da cultura popular à globalização e a suas verticalidades, como nos ensina Milton Santos. O Arreda sempre nos faz lembrar disso pela sua poética brincante do cuidado do saber viver, pelos nossos velhos de vida simples que só querem ressuscitar o boi. E como aglutina gente e convoca seres, bate tambor e faz cantorias por esta causa! Se você não conhece esta história, abra o livro e entre na roda. **Patrícia Dorneles**



**Patrícia Dorneles** é Professora Adjunta do Curso de Terapia Ocupacional da UFRJ. Mestre em Educação pela UFSC, Doutora em Geografia pela UFRGS. Foi Consultora e Assessora Técnica do Programa Cultura Viva da Representação Regional Sul do Ministério da Cultura de 2005 a 2008.

Realização:



Patrocínio:



Ministério da  
Cultura

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-64747-07-4



9 788564 747074

